

NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NA MODALIDADE EaD NUMA PERSPECTIVA DIALÉTICA

Antonio Carlos de Sousa
Universidade Federal Rural do Semi-árido – UFERSA
adesousa491@gmail.com
Lucas Emanuel de Oliveira Maia
Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN
lucas.manibumidias@gmail.com

Introdução

Este trabalho objetiva refletir sobre a formação docente na modalidade EaD numa perspectiva dialética, pensando nessa dinâmica/oferta formativa como amplificadora de oportunidades socioculturais mais equitativas. Adotamos aqui a dialética sob a ótica de Paulo Freire (1981; 2019), na medida em que esse autor a concebe como um conceito imprescindível ao desenvolvimento e à concretude de uma pedagogia mais crítica e autônoma, considerando o diálogo, a reflexão e a (trans)formação dos sujeitos com a realidade e entre si como pilares centrais.

A formação docente, numa perspectiva dialética e emancipatória, não pode, sob nenhuma circunstância ou forma de oferta, distanciar-se da reflexão contextualizada e engajada, da crítica contrastante, nem tampouco da atividade efetiva do professor (que é o ensino), sendo necessário, ainda, a contextualização de tais dimensões com a análise do referencial social circunscrito à profissão docente, dentre elas a da sociedade do conhecimento e/ou da tecnologia/informação.

Partindo desse pressuposto, a formação docente, ofertada na modalidade a distância, doravante EaD, precisa observar o professor como um sujeito complexo e na sua relação com o domínio dos novos recursos midiáticos e tecnológicos como veículo de (trans)formação de si e da sociedade, primando por uma formação e ensino de qualidade socialmente referenciada.

Em termos metodológico, trata-se de um estudo de natureza teórica, subsidiado pela abordagem qualitativa de pesquisa. As “Notas” aqui postas e em formato de reflexões, foram tecidas a partir de uma revisão de literatura e da evidência de leitura como procedimento de análise (Bell, 2008). Por fim, formos norteados pelo seguinte

questionamento: quais as implicações da formação docente na modalidade EaD na/para a sociedade contemporânea.

Desenvolvimento

A formação docente figura um processo complexo e permanente (Imbernón, 2004; Veiga e Silva, 2010) que deve considerar, dentre outros espaços, a instituição escolar e, naturalmente, o ambiente no qual ela se encontra inserida: a sociedade globalizada, da informação. Nessa direção, o processo formativo docente é instável e dinâmico, devendo acontecer em movimento, em consonância com a própria atuação desse profissional que, de certa forma, acompanha as (trans)formações socioculturais (Castro, 2022).

A formação de professores, nos termos supramencionados, não pode ser concebida como um interstício temporal, organizado em etapas linear e superáveis, ao longo da trajetória docente, mas como um “período” que não se encerra na formação inicial, ainda mais quando a concebemos – a formação docente – na modalidade a distância, injetando, nessa, um *status* ainda mais permanente e à disposição dos próprios docentes, onde quer que eles estejam.

Nossa reflexão inicial é que a formação desses profissionais da educação não deve ser entendida como um dispositivo fixo, estanque, cuja aquisição e experiência acontece de maneira desconexa da realidade sociocultural, bem como de forma acrítica. Tal observação ganha mais fôlego quando pensamos essa formação em contextos virtuais, como se configura a formação via EaD.

É importante pontuarmos que esse tipo de formação de professores deve considerar, ainda, momentos presenciais de práticas pedagógicas (estágios e práticas programadas/dirigidas) e de compartilhamentos de saberes (encontros, fóruns, congressos, aulas etc). As muitas críticas atribuídas a essa modalidade de formação não se resumem a sua proposta de cursos, mas as “formas” de como elas vem se desenhando ao longo dos últimos anos e pelo viés capitalista. Em outras palavras, a problemática repousa na exacerbada mercantilização e aceleração – em curtíssimo espaço de tempo – na oferta de cursos dessa natureza.

Isso posto, aproximando-se da estrutura orgânica e de funcionamento dos programas de formação docente presenciais, na ambiência dessa mesma formação, na EaD, os projetos políticos dos cursos devem “prover tal continuidade na formação,

mantendo o contato com a renovação tecnológica, o domínio da técnica e o uso desse conhecimento para o rompimento de barreiras impostas pela padronização globalizante” (Castro, 2022, p. 67).

É partindo do exposto que entendemos a EaD, em especial, a formação de professores, tomada as devidas precauções didático-pedagógicas, como um processo articulador da realidade com a valorização docente, o que implica salário, valorização simbólica, condições de trabalhos e a própria formação, caracterizando-se como um elemento emancipador, entendendo essa emancipação como a consciência da realidade concreta na qual os sujeitos estão inseridos e são (re)constituídos enquanto intelectuais (trans)formadores (Freire, 2019)

Em termos mais situados, a EaD, reiteramos, construída e ofertada com o rigor e cuidado necessário, torna-se uma ferramenta que alcança ambientes e espaços geográfico, político e culturalmente negligenciados pela educação tradicional, sendo capaz de interligar gerações, hábitos, costumes e pessoas de distintas realidades numa rede de constante compartilhamento de saberes, conhecimentos e experiências (trans)formadoras. É possível, pois, que esse entendimento sofra certa relutância por parte de muitas pessoas porque, equivocadamente, veem a tecnologia como instrumento, apenas, quando deveriam percebê-la como um fio condutor de debates cujo domínio dela muito tem a nos fortalecer enquanto sociedade.

Outro aspecto merecedor de destaque, entre as possibilidades que a EaD pode oportunizar, é a acessibilidade propiciada por essa modalidade de ensino e formação, uma vez que, como “motor” tempestivo, a tecnologia propicia a oferta de programas de formação docente em realidades e contextos dos quais a formação inteiramente presencial se revela incipiente, carente e escassa haja vista a distância desses dos grandes centros sociopolíticos.

Conclusões

Intentando responder ao questionamento: quais as implicações da formação docente na modalidade EaD na/para a sociedade contemporânea, chegamos a conclusão de que o processo de formação docente na modalidade EaD deve se posicionar de maneira crítico-reflexiva e sensível à escola como espaço de experiência (e realidade concreta da prática docente), e de uso da técnica na tentativa de compreender as ferramentas

tecnológicas à disposição como ferramentas/ações de (trans)formação dessa realidade e, por conseguinte, da própria sociedade.

Concluímos, ainda, que é preciso observarmos as tecnologias, a nossa disposição, enfatizando seu aspecto (trans)formador da sociedade, minimizando seu aspecto mercadológico, uma vez que a formação docente a distância nos ser tão importante na sociedade na qual vivemos. Em suma, a problemática não está no cerne da proposta de formação, mas no como essa proposta tem se delineado pela conveniência do capitalismo e da precarização do magistério.

Referências

CASTRO, Fernando Rodrigues de. **Formação docente a distância**: caminhos e desafios na cibercultura. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2022.

BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa**: Guia para pesquisadores iniciantes em Educação, Saúde e Ciências Sociais. Tradução Magda França Lopes. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 11ª Ed. Campinas: Papirus, 2012.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 4ª ed. São Paulo. Cortez. 2004.

VEIGAS, Ilma Passos Alencastro; SILVA, Edileuza Fernandes. (Orgs). **A escola mudou. Que mude a formação de professores**. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2010.